



## O ANJO DAS DONZELLAS

— CONTO FANTASTICO —



uidado, leitor, vamos entrar na alcova de uma donzella. A esta noticia o leitor estremece e hesita. É naturalmente um homem de bons costumes, acata as familias e preza as leis do decoro publico e privado. É tambem provavel que já tenha deparado com alguns escriptos, d'estes que levão aos papeis publicos certas theorias e tendencias que melhor fôra nunca tivessem sahido da cabeça de quem as concebeu e proclamou. Hesita e interroga a consciencia se deve ou não continuar a ler as minhas paginas, e talvez resolva não proseguir. Volta folha e passa a cousa melhor.

Descanse, leitor, não verá n'este episodio fantastico nada do que se não pôde ver á luz publica. Eu tambem acato a familia e respeito o decoro. Sou incapaz de commetter uma acção má, que tanto importa delinear uma scena ou applicar uma theoria contra a qual proteste a moralidade.

Tranquillise-se, dê-me o seu braço, e atravessemos, pé ante pé, a soleira da alcova da donzella Cecilia.

Ha certos nomes que só assentão em certas creaturas, e que quando ouvimos pronuncial-os como pertencentes a pessoas que não conhecemos, logo attribuimos a estas os dons phisicos e moraes que julgamos inseparaveis d'aquelles. Este é um d'esses nomes. Veja o leitor se a moça que alli se acha no leito, com o corpo meio inclinado, um braço nú escapando-se do alvo lençol

e tendo na extremidade uma mão fina e comprida, os cabellos negros, esparsos, fazendo contraste com a brancura da franha, os olhos meio cerrados lendo as ultimas paginas de um livro, veja se aquella creatura pôde ter outro nome, e se aquelle nome pôde estar em outra creatura.

Lê, como disse, um livro, um romance, e apezar da hora adiantada, onze e meia, ella parece estar disposta a não dormir sem saber quem casou e quem morreu.

Ao pé do leito, sobre a palhinha que forra o soalho, estende-se um pequeno tapete, cuja estampa representa duas rôlas, de azas abertas, afagando-se com os biquinhos. Sobre esse tapete estão duas chinelinhas, de fôrma turca, forradas de seda côr de rosa, que o leitor jurará serem um despojo de Cendrillon. São as chinelas de Cecilia. Avalia-se já que o pé de Cecilia deve ser um pé fantastico, imperceptivel, impossivel; e examinando bem pôde-se até descobrir, entre duas pontas do lençol mal estendido, a ponta de um pé capaz de enthusiasmar o meu amigo Ernesto C..., o maior admirador dos pés pequenos, depois de mim... e do leitor.

Cecilia lê um romance. É o centesimo que lê depois que sahio do collegio, e não sahio ha muito tempo. Tem quinze annos. Quinze annos! é a idade das primeiras palpitações, a idade dos sonhos, a idade das illusões amorosas, a idade de Julieta; é a flôr, é a vida, é a esperança, o céu azul, o campo verde, o lago tranquillo, a aurora que rompe, a calhandra que canta, Romeu que desce a escada de seda, o ultimo beijo que as brizas da manhã ouvem e levão, como um écho, ao céu.

Que lê ella? D'aqui depende o presente e o futuro. Pôde ser uma pagina da lição, pôde ser uma gotta de veneno. Quem sabe? Não ha alli á porta um index onde se indiquem os livros defesos e os licitos. Tudo entra, bom ou máo, edificante ou corruptor, *Paulo e Virginia*, ou *Fanny*. Que lê ella n'este momento? Não sei. Todavia deve ser interessante o enredo, vivas as paixões, porque a physionomia traduz de minuto a minuto as impressões afflictivas ou alegres que a leitura lhe vai produzindo.

Cecilia corre as paginas com verdadeira ancia, os olhos voão de uma ponta da linha á outra; não lê, devora; faltão só duas folhas, falta uma, falta uma lauda, faltão dez linhas, cinco, uma... acabou.

Chegando ao fim do livro, fechou-o e pôl-o em cima da pequena mesa que está ao pé da cama. Depois, mudando de posição, fitou os olhos no tecto e reflectio.

Passou em revista na memoria todos os successos contidos no livro, reproduzio episodio por episodio, scena por scena, lance por lance. Deu fôrma, vida, alma, aos herões do romance, viveu com elles, conversou com elles,

sentio com elles. E enquanto ella pensava assim, o genio que nos fecha as palpebras á noite hesitou, á porta do quarto, se devia entrar ou esperar.

Mas, entre as muitas reflexões que fazia, entre os muitos sentimentos que a dominavão, alguns havião que não erão d'agora, que já erão velhos hospedes no espirito e no coração de Cecilia.

Assim que, quando a moça acabou de reproduzir e saciar os olhos da alma na acção e nos episodios que acabára de ler, voltou-lhe o espirito naturalmente para as idéas antigas e o coração palpitou sob a acção dos antigos sentimentos.

Que sentimentos, que idéas serião essas? Eis a singularidade do caso. De ha muito tempo que as tragedias do amor a que Cecilia assistia nos livros causavão-lhe uma angustiosa impressão. Cecilia só conhecia o amor pelos livros. Nunca amára. Do collegio sahira para casa e de casa não sahira para mais parte alguma. O presentimento natural e as côres seductoras com que via pintado o amor nos livros, dizião-lhe que devia ser uma cousa divina, mas ao mesmo tempo dizião-lhe tambem os livros que dos mais auspiciosos amores pôde-se chegar aos mais lamentaveis desastres. Não sei que terror se apoderou da moça; apoderou-se d'ella um terror invencivel. O amor, que para as outras mulheres apresenta-se com aspecto risonho e seductor, afigurou-se a Cecilia que era um perigo e uma condemnação. A cada novella que lia mais lhe crescião os sustos, e a pobre menina chegou a determinar em seu espirito que nunca exporia o coração a taes catastrophes.

Provinha este sentimento de duas cousas : do espirito supersticioso de Cecilia, e da natureza das novellas que lhe davão para ler. Se n'essas obras ella visse, ao lado das más consequencias a que os excessos podem levar, a imagem pura e suave da felicidade que o amor dá, não se teria de certo apprehendido d'aquelle modo. Mas não foi assim. Cecilia aprendeu n'esses livros que o amor era uma paixão invencivel e funesta; que não havia para ella nem a força de vontade nem a perseverança do dever. Esta idéa calou no espirito da moça e gerou um sentimento de apprehensão e de terror contra o qual ella não podia nada, antes se tornára mais impotente á medida que lia uma nova obra da mesma natureza.

Este estrago moral completava-se com a leitura da ultima novella. Quando Cecilia levantou os olhos para o tecto tinha o coração cheio de medo e os olhos traduzião o sentimento do coração. O que sobretudo a atemorizava mais era a incerteza que ella tinha de poder escapar á acção de uma *sympathia* funesta. Muitas das paginas que lera dizião que o destino intervinha nos movimentos do coração humano, e sem poder discernir o que teria de real ou de poetico este juizo, a pobre mocinha tomou ao pé da lettra o que lera e confirmou-se nos receios que nutria de muito tempo.

Tal era a situação do espirito e do coração de Cecilia quando o relógio de uma igreja que ficava a dous passos da casa bateu meia-noite. O som lugubre do sino, o silencio da noite, a solidão em que estava, derão uma côr mais sombria ás suas apprehensões.

Procurou dormir para fugir ás idéas sombrias que se lhe atropellavão no espirito e dar descanso ao peso e ao ardor que sentia no cerebro; mas não pôde; cahio em uma d'essas insomnias que fazem padecer mais em uma noite do que a febre de um dia inteiro.

De repente sentio que se abria a porta. Olhou e vio entrar uma figura desconhecida, fantastica. Era mulher? era homem? não se distinguia. Tinha esse aspecto masculino e feminino a um tempo com que os pintores reproduzem as feições dos seraphins. Vestia tunica de tecido alvo, coroava a fronte com rosas brancas e despedia dos olhos uma irradiação fantastica e impossivel de descrever. Andava sem que a esteira do chão rangesse sob os passos. Cecilia fitou os olhos na visão e não pôde mais desviar-os. A visão chegou-se ao leito da donzella.

— Quem és tu? perguntou Cecilia sorrindo, com a alma tranquilla e os olhos vivos e alegres diante da figura desconhecida.

— Sou o anjo das donzellas, respondeu a visão com uma voz que nem era voz nem musica, mas um som que se approximava de ambas as cousas, articulando palavras como se executasse uma symphonia do outro mundo.

— Que me queres?

— Venho em teu auxilio.

— Para que?

O anjo pôz as mãos no peito de Cecilia e respondeu :

— Para salvar-te.

— Ah!

— Sou o anjo das donzellas, continuou a visão, isto é, o anjo que protege as mulheres que atravessão a vida sem amar, sem depôr no altar dos amores uma só gotta do oleo celeste com que se venera o deos menino.

— Sim?

— É verdade. Queres que eu te proteja? Que te imprima na fronte o signal fatidico ante o qual recuarão todas as tentativas, curvar-se-hão todos os respeitos?

— Quero.

— Queres que com um bafejo meu te fique eternamente gravado o emblema da eterna virgindade?

— Quero.

— Queres que eu te garanta em vida as palmas verdes e viçosas que cabem

ás que podem atravessar o lodo da vida sem salpicar o vestido branco de pureza que recebêrão do berço?

— Quero.

— Promettes que nunca, nunca, nunca te arrependerás d'este pacto, e que, quaesquer que sejam as contingencias da vida, abençoarás a tua solidão?

— Quero.

— Pois bem! Estás livre, donzella, estás inteiramente livre das paixões. Pódes entrar agora, como Daniel, entre os leões ferozes; nada te fará mal. Vê bem; é a felicidade, é o descanso. Gozarás ainda na mais remota velhice de uma isenção que será a tua paz na terra e a tua paz no céu!

E dizendo isto a fantastica creatura desfolhou algumas rosas sobre o seio de Cecilia. Depois tirou do dedo um anel e introduzio no dedo da moça, que não oppunha a nenhum d'estes actos nem resistencia nem admiração, antes sorria com um sorriso de angelica suavidade como se n'aquelle momento entrevisse as glorias perennes que o anjo lhe promettia.

— Este anel, disse o anjo, é o anel de nossa alliança; d'ora ávante és minha esposa ante a eternidade. D'este amor não te resultarão nem tormentos nem catastrophes. Conserva este anel a despeito de tudo. No dia em que o perderes, estás perdida.

E dizendo estas palavras a visão desapareceu.

A alcova ficou cheia de uma luz magica e de um perfume que parecia mesmo halito de anjos.

No dia seguinte Cecilia acordou com o anel no dedo e a consciencia do que se passára na vespera. N'esse dia levantou-se da cama mais alegre que nunca. Tinha o coração leve e o espirito desassombrado. Tocára emfim o alvo que procurára: a indiferença para os amores, a certeza de não estar exposta ás catastrophes do coração... Esta mudança tornou-se cada dia mais pronunciada, e de modo tal que as amigas não deixárão de reparar.

— Que tens tu? dizia uma. És outra inteiramente. Aqui anda namoro!

— Qual namoro!

— Ora, de certo! acrescentava outra.

— Namoro? perguntava Cecilia. Isso é bom para... as infelizes. Não para mim. Não amo...

— Amas!

— Nem amarei.

— Vaidosa!...

— Feliz é que deves dizer. Não amo, é verdade. Mas que felicidade não me resulta d'isto?... Posso affrontar tudo; estou armada de broquel e cota de armas...

— Sim?

E as amigas desatárão a rir, apontando para Cecilia e jurando que ella se havia de arrepender de dizer palavras taes.

Mas passavão os dias e nada fazia notar que Cecilia tivesse pago o peccado que commettêra na opinião das amigas. Cada dia trazia um pretendente novo. O pretendente fazia côrte, gastava tudo quanto sabia para captivar a menina, mas a final desistia da empreza com a convicção de que nada podia fazer.

— Mas não se lhe conhece preferido? perguntavão uns aos outros.

— Nenhum.

— Que milagre é este?

— Qual milagre! Não lhe chegou a vez... Ainda não enflorou aquelle coração. Quando chegar a época da florescencia ha de fazer o que as mais fazem, e escolher entre tantos pretendentes um marido.

E com isto se consolavão os taboqueados.

O que é certo é que corrião os dias, os mezes, os annos, sem que nada mudasse a situação de Cecilia. Era a mesma mulher fria e indifferente. Quando completou vinte annos tinha adquirido fama; era corrente em todas as familias, em todos os salões, que Cecilia nascêra sem coração, e a favor d'esta fama fazião-se apostas, levantavão-se coragens; a moça tornou-se a Carthago das salas. Os Romanos de bigode retorcido e cabello frisado juravão successivamente vencer a indifferença punica. Trabalho vão! Doa gazalho cordial ao amor ninguem chegava nunca, nem por suspeita. Cecilia era tão indifferente que nem dava lugar á illusão.

Entre os pretendentes um appareceu que começou por captivar os pais de Cecilia. Era um doutor formado em mathematicas, methodico como um compendio, positivo como um axioma, frio como um calculo. Os pais virão logo no novo pretendente o modelo, o padrão, o phenix dos maridos. E começã-rão por fazer em presença da filha os elogios do rapaz. Cecilia acompanhou-os n'esses elogios, e deu alguma esperança aos pais. O proprio pretendente soube do conceito em que o tinha a moça e creou esperanças.

E, conforme a educação do espirito, tratou de regularisar a côrte que faria a Cecilia, como se tratasse de descobrir uma verdade mathematica. Mas se a expressão dos outros pretendentes não impressionou a moça, muito menos a impressionava a frieza methodica d'aquelle. Dentro de pouco tempo a moça negou-lhe até aquillo que concedia aos outros : a benevolencia e a cordialidade.

O prétendente desistio da causa e voltou aos calculos e aos livros.

Como este, todos os outros pretendentes ião passando, como soldados em revista, sem que o coração inflexivel da moça pendesse para nenhum d'elles.

Então, quando todos virão que os esforços erão baldados, começou-se a suspeitar que o coração da moça estivesse empenhado a um primo que exactamente na noite da visão de Cecilia embarcára para seguir até Santos e d'ahi tomar caminho para a provincia de Goyaz. Esta suspeita desvaneceu-se com os annos; nem o primo voltou, nem a moça mostrou-se sentida com a ausencia d'elle. Esta conjectura com que os pretendentes querião salvar a honra propria perdeu o valor, e os illudidos tiverão de contentar-se com este dilemma: ou não tinham sabido lutar, ou a moça era uma natureza de gelo.

Todos aceitarão a segunda hypothese.

Mas que se passava n'essa natureza de gelo? Cecilia via a felicidade das amigas, era confidente de todas, aconselhava-as no sentido de uma prudente reserva, mas nem procurava nem aceitava os ciumes que lhe andavão á mão. Todavia mais de uma vez, á noite, no fundo da alcova, a moça sentia-se só. O coração solitario parece que se não acostumára de todo ao isolamento a que o votára a dona.

A imaginação, para fugir ás pinturas indiscretas de um sentimento a que a moça fugia, corria ás soltas no campo das creações fantasticas e desenhava com vivas côres essa felicidade que a visão lhe promettêra. Cecilia comparava o que perdêra e o que ia ganhar, e dava a palma do gozo futuro em compensação do presente. Mas n'esses rasgos de imaginação o coração palpitava-lhe com força, e mais de uma vez a moça dava accordo de si procurando com uma das mãos arrancar o anel da alliança com a visão.

N'esses momentos recuava, entrava em si e chamava no interior a visão d'aquella noite dos quinze annos. Mas o desejo era baldado; a visão não apparecia, e Cecilia ia procurar no leito solitario a calma que não podia encontrar nas vigalias laboriosas.

Muitas vezes a aurora veio enconral-a á janella, enlevada nas suas imaginações, sentindo um vago desejo de conversar com a natureza e embriagar-se no silencio da noite.

Em alguns passeios que fez aos suburbios da cidade deixava-se impressionar por tudo o que a vista lhe offerecia de novo, agua ou montanha, arêa ou hervaçal, parecendo que a vista se lhe comprazia n'isso e esquecendo-se muitas vezes de si e dos outros.

Ella sentia um vacuo moral, uma solidão interior, e procurava na actividade e na variedade da natureza alguns elementos de vida para si. Mas a que attribuia ella essa ancia de viver, esse desejo de ir buscar fóra aquillo que lhe faltava? Ao principio não reparou no que fazia; fazia involuntariamente, sem determinação nem conhecimento da situação.

Mas, como se prolongasse a situação, ella foi pouco a pouco descobrindo o

estado do coração e do espirito. Tremeu ao principio, mas em breve se tranquillizou; a idéa da alliança com a visão pesava-lhe no espirito, e as promessas feitas por ella de uma bemaventurança sem igual desenhava na fantasia de Cecilia um quadro vivo e esplendido. Isto consolava a moça, e, sempre escrava dos juramentos, ella fazia honra sua em ficar pura do coração para subir á morada das donzellas libertadas do amor.

Demais, ainda que o quizesse, parecia-lhe impossivel sacudir a cadêa a que involuntariamente se prendêra.

E os annos corrião.

Aos vinte e cinco inspirou uma paixão violenta a um joven poeta. Foi uma d'essas paixões como só os poetas sabem sentir. Este do meu conto depôz aos pés da bella insensivel a vida, o futuro, a vontade. Regou com lagrimas os pés de Cecilia e pedio-lhe como uma esmola uma centelha que fosse do amor que parecia ter recebido do céu. Tudo foi inutil, tudo foi vão. Cecilia nada lhe deu, nem amor nem benevolencia. Amor não tinha; benevolencia podia ter, mas o poeta perdêra o direito a ella desde que declarou a extensão do seu sacrificio. Isto deu a Cecilia a consciencia da sua superioridade, e com essa consciencia certa dóse de vaidade que lhe vendava os olhos e o coração.

Se lhe apparecêra o anjo para tirar-lhe do coração o germen do amor, não lhe appareceu nenhum que lhe tirasse o pouco de vaidade.

O poeta deixou Cecilia e foi para casa. D'ahi seguiu para uma praia, subio a uma pequena eminencia e atirou-se ao mar. D'ahi a tres dias encontrou-se-lhe o cadaver, e os jornaes derão do facto uma noticia lacrimosa. Entretanto encontrou-se entre os papeis do poeta a seguinte carta :

« \*\*\* A CECILIA D....

« Morro por ti. É ainda uma felicidade que eu procuro em falta da outra que eu procurei, implorei e não alcancei.

« Não me quizeste amar; não sei se o teu coração estaria captivo, mas dizem que não. Dizem que és insensivel e indifferente.

« Não quiz crêl-o e fui por mim proprio averigual-o. Coitado de mim! o que vi me bastou para dar-me a certeza de que não estava reservado para mim semelhante fortuna.

« Não te pergunto que curiosidade te levou a voltares a cabeça e transformares-te, como a mulher de Loth, em estatua insensivel e fria. Se alguma cousa ha n'isto que eu não comprehendo, não quero sabêl-o agora que deixo o fardo da vida, e vou, por caminho escuro, procurar o termo feliz da minha viagem.

« Deos te abençõe e te faça feliz. Não te desejo mal. Se te fujo e se fugi ao

mundo é por fraqueza, não é por odio; ver-te, sem ser amado, é morrer todos os dias. Morro uma só vez e rapidamente.

« Adeos... »

Esta carta causou a Cecilia muita impressão. Chorou até. Mas era piedade e não amor. A maior consolação que ella mesma deu a si foi o pacto secreto e mysterioso. É culpa minha? perguntava ella. E respondendo negativamente a si mesma achava n'isso a legitimidade da sua indiferença.

Todavia, esta occurrencia trouxe-lhe ao espirito uma reflexão.

O anjo promettêra-lhe, em troca da isenção para o amor, uma tranquillidade durante a vida que só poderia ser excedida pela paz eterna da bemaventurança.

Ora, que encontrava ella? O vacuo moral, as impressões desagradaveis, uma sombra de remorso, eis os lucros que tivera.

Os que forão fracos como o poeta recorrêrão aos meios extremos ou deixarão-se dominar pela dôr. Os menos fracos ou menos sinceros no amor alimentárão contra Cecilia um despeito que deu em resultado levantar-se uma opinião offensiva á moça.

Mais de um procurava na sombra o motivo da indiferença de Cecilia. Era a segunda vez que se atiravão a essas investigações. Mas o resultado d'ellas era sempre nullo, visto que a realidade era que Cecilia não amava ninguem.

E os annos corrião...

MAX.

— Continuar-se-ha. —





## O ANJO DAS DONZELLAS

— CONTINUAÇÃO E FIM —



Cecília chegou aos trinta e tres annos. Já não era a idade de Julieta, mas era uma idade ainda poetica; poetica n'este sentido — que a mulher, em chegando a ella, tendo já perdido as illusões dos primeiros tempos, adquire outras mais solidas, fundadas na observação.

Para a mulher d'essa idade o amor já não é uma aspiração do desconhecido, uma tendencia mal exprimida; é uma paixão vigorosa, um sentimento mais eloquente; ella já não procura a esmo um coração que responda ao seu; escolhe entre os que encontra um que possa comprehendê-la, capaz de amar como ella, proprio para fazer essa doce viagem ás regiões divinas do amor verdadeiro, exclusivo, sincero, absoluto.

N'essa idade era ainda bella. E pretendida. Mas a belleza continuou a ser um thesouro que a indiferença avarenta guardava para os vermes da terra.

Um dia, longe dos primeiros, muito longe, a primeira ruga desenhou-se no rosto de Cecilia e alvejou um primeiro cabello. Mais tarde, segunda ruga, segundo cabello, e outras e outros, até que a velhice de Cecilia declarou-se completa.

Mas ha velhice e velhice. Ha velhice feia e velhice bonita. Cecilia era da segunda especie, porque através dos signaes evidentes que o tempo deixara

n'ella, sentia-se que fôra uma creatura formosa, e, embora de outra natureza, Cecilia inspirava ainda a ternura, o enthusiasmo, o respeito.

Os fios de prata que lhe servião de cabellos emmolduravão-lhe o rosto rugado, mas ainda suave. A mão, que tão linda era outr'ora, não tinha a magreza repugnante, mas era ainda bella e digna de uma princeza... velha.

Mas o coração? Esse atravessára do mesmo modo os tempos e os successos sem nada deixar de si. A isenção foi sempre completa. Lutava embora contra não sei que repugnancia do vacuo, não sei que horror da solidão, mas n'essa luta a vontade ou a fatalidade vencia sempre, triumphava de tudo, e Cecilia pôde chegar á adiantada idade em que a achamos sem nada perder.

O anel, o fatidico anel, foi o talisman que nunca a abandonou. A favor d'esse talisman, que era a assignatura do contracto celebrado com o anjo das donzellas, ella pôde ver de perto o sol sem se queimar.

Tinhão-lhe morrido os pais. Cecilia vivia em casa de uma irmã viuva. Vivia dos bens que recebêra em herança.

Que fazia agora? Os pretendentes desertarão, ou outros envelhecêrão também, mas ião ainda por lá alguns d'elles. Não para requestal-a de certo, mas para passar as horas ou em conversa grave e pausada sobre cousas sérias, ou á mesa de algum jogo innocente e proprio de velhos.

Não poucas vezes era assumpto de conversação geral a habilidade com que Cecilia conseguira atravessar os annos da primeira e da segunda mocidade sem empenhar o coração em nenhum laço de amor. Cecilia respondia a todos que tivera um segredo poderoso do qual não podia fazer communicação alguma.

E n'estas occasiões olhava amorosamente para o anel que trazia no dedo ornado de uma bella e grande esmeralda.

Mas ninguem reparava n'isto.

Cecilia gastava horas e horas da noite em evocar a visão dos quinze annos. Quizera achar conforto e confirmação ás suas crenças, quizera ver e ouvir ainda a figura magica e a voz celeste do anjo das donzellas.

Parecia-lhe, sobretudo, que o longo sacrificio que consummára merecia, antes da realisação, uma repetição das promessas anteriores.

Entre os que frequentavão a casa de Cecilia alguns velhos havia dos que, na mocidade, tinhão feito roda a Cecilia e tomado mais ou menos seriamente as expressões de cordialidade da moça.

Assim que, agora que se encontravão nas ultimas estações da vida, mais de uma vez a conversa tinha por objecto a isenção de Cecilia e as infelicidades dos adoradores.

Cada um referia os seus episodios mais curiosos, as dôres que sentirá, as

decepções que soffrêra, as esperanças que Cecilia esfolhára com impassibilidade cruel.

Cecilia ria ouvindo essas confissões, e acompanhava os seus adoradores de outr'ora no terreno das facecias que as revelações mais ou menos inspiravam.

— Ah! dizia um, eu é que soffri como poucos.

— Sim? perguntava Cecilia.

— É verdade.

— Conte lá.

— Olhe, lembra-se d'aquella partida em casa do Avellar?

— Foi ha tanto tempo!

— Pois eu me lembro perfeitamente.

— Que houve?

— Houve isto.

Todos se preparáram para ouvir a narração promettida.

— Houve isto, continuou o ex-adorador. Estavamos no baile. Eu, n'esse tempo, era um verdadeiro pintalegrete. Envergava a melhor casaca, esticava a melhor calça, derramava os melhores cheiros. Mais de uma dama suspirava em segredo por mim, e ás vezes nem mesmo em segredo...

— Ah!

— É verdade. Mas qual é a lei geral da humanidade? É não aceitar aquillo que se lhe dá, para ir buscar aquillo que não poderá obter. Foi o que fiz.

. . . . . Le bonheur, c'est la boule  
Que cet enfant poursuit tout le temps qu'elle roule,  
Et que, dès qu'elle arrête, il repousse du pied.

— Bravo!

— Vamos á historia!

— Estavamos no baile. Já duas senhoras tinham-se retirado para o camarim afim de evitar algum desmaio. Porque? Que fazia eu? Eu derramava aos pés de D. Cecilia uma torrente de madrigaes, dizia-lhe do melhor modo possivel que a belleza d'ella tinha-me inspirado um amor profundo e decisivo. Ella não prestava aos meus discursos senão uma attenção indifferente. Isto desesperava. Insistia, repetia, pedia-lhe quasi o coração. Ella nada. Emfim offereci-lhe o braço. Percorrêmos algumas salas. D. Cecilia estava divina de graça, de belleza, e até... de indifferença. Se fosse a indifferença sómente bem estava, mas houve mais...

— Houve mais?

— Houve. Houve desengano. Eu disse-lhe que a amava perdidamente; ella

respondeu-me positivamente que não me podia amar. Quasi cahi. Não lhe disse mais nada e voltámos para a sala.

— Não me lembro d'isso, observou Cecilia.

— Lembro-me eu que fui a victima. O algoz...

— A' ordem! á ordem! clamárão os ouvintes.

O narrador continuou :

— Deixei D. Cecilia na sala e sahi. Fui para o jardim. Desesperado, cuidei que o ar e a solidão me aplacassem o animo. Vi através da rama de uns arbustos um ponto de luz. Era um charuto ao que me parecia, e com o charuto um homem. A noite estava escurissima. Caminhei para o lugar em que me parecia estar o homem e o charuto. Pedi fogo e vi que o charuto me entrava nas mãos. Acendi um charuto e agradei. A minha voz foi conhecida pelo meu interlocutor e eu proprio reconheci na voz que me fallava um rapaz que eu conhecêra nos salões.

— Abrevie a historia!

— Apoiado!

— É simples. Contei ao meu interlocutor os motivos da minha presença, e estava calmo, esperando algumas palavras de consolação, quando me senti agarrado. Procurei defender-me e lutámos durante alguns minutos, ao som de uma polka que se executava no interior da casa. Todos comprehendem o caso. O meu adversario era pretendente ao coração de D. Cecilia; estava, como eu, desconsolado. Lutámos, como disse. Nunca mais nos fallámos.

— Nunca mais?

— Nunca mais.

— Não me lembro de nada, nem me constou nada n'este sentido, disse Cecilia.

— Eu nunca disse nada a ninguem.

Fôra escrever dous volumes repetir os episodios tragicos, ou comicos, ou patheticos, que os ex-adoradores de Cecilia trazião para a conversação.

Em uma d'essas praticas intimas, singelas, trouxe um criado uma carta para Cecilia. Era de Tiburcio.

Quem era Tiburcio? Era o primo de Cecilia que partira da côrte na noite em que Cecilia fizera o contracto mysterioso para independencia do coração.

Tiburcio partira moço e voltou velho. Nunca dera signal de si. Não se sabia onde andava nem que fazia.

Tiburcio escrevia de S. Paulo. Dizia que dentro de oito dias estaria na côrte. E dahi a oito dias chegou.

A carta dizia :

« Minha prima. — Dentro de oito dias lá estarei. Vai apparecer-lhe um velho. Ha que tempo de lá sahi!

« Andei secca e meca. Ganhei, perdi, tornei a ganhar, e a experiencia me servio, porque o que ganhei conservo agora e não tenho idéa, nem animo de perdê-lo outra vez.

« Que é feito de nossa familia? Eu de nada sei. Não procurei ninguem, não escrevi; acho que fizeram bem em me não escreverem. Com ingrato, ingrato e meio. Mas eu hei de provar que não fui ingrato.

Adeos. Esta lhe ha de ser entregue por C..., meu amigo, que parte para essa côrte. Adeos. — *Tiburcio.* »

Tiburcio acompanhou a carta com intervallo de alguns dias. Era um velho bonito, folgazão, opulento de carnes e de dinheiro.

Nem Tiburcio reconhecia Cecilia, nem Cecilia reconheceu Tiburcio. Tão mudados estavam!

Vierão as longas narrativas do que se houvera passado durante o longo espaço de tempo que se não virão.

É necessario dizer que Tiburcio, quando partira da côrte, amava Cecilia, sem que para amal-a se fundasse em nenhum sentimento reciproco.

Cecilia foi ao principio indifferente... por indifferença. Mais tarde é que veio o pacto angelico.

Tiburcio ouviu, com grande admiração, da boca de Cecilia a noticia de que ella nunca se houvera casado.

E de sua parte declarou que tambem se conservára solteiro, adiantando logo a razão d'isso, que era não poder levar familia para as trabalhosas emprezas a que se entregava.

Mas a respeito de Cecilia admirou-se muito. Não a deixára formosa e requestada? Não via ainda que essa belleza tarde desapareceu?

— Não quiz, respondia Cecilia.

— Mas porque?...

— Não sei... não quiz.

E, como sempre, Cecilia olhava amorosamente para o anel. Os olhos de Tiburcio acompanhárão os de Cecilia e pousárão na esmeralda que ella trazia no dedo.

— Ah! disse elle.

E a conversa passou a outros assumptos.

Insistirão todos em que Tiburcio referisse as suas viagens, as suas aventuras, os seus perigos, as suas fortunas.

— Fôra preciso um anno, disse Tiburcio.

Com effeito, Tiburcio tinha vivido uma vida accidentada. Lutas, perigos,

sustos, fortunas, alternativas de todo o genero, tudo matizava o fundo do quadro da existencia de Tiburcio.

Tiburcio adquirira parte de sua fortuna em algumas explorações de minas de ouro e de brilhantes.

Durante os dias que se seguirão ao da chegada d'elle em casa de Cecilia, a familia, os restos da familia, e os convivas habituaes, divertirão-se muito ouvindo as narrações de Tiburcio sobre os accidentes das explorações mineiras.

Quando se esgotou esse capitulo, Tiburcio referio que uma vez fôra agarrado pelos bugres perto do rio Araguaya. Quando cahio nas mãos d'aquelles barbaros perdeu até a ultima gotta de sangue. Vio a morte diante dos olhos. Já os bugres se preparavão para almoçar aquelle bife, quando uma partida de soldados que andava á caça de um criminoso descobrio o facto e chegou a tempo de salvar Tiburcio dos estomagos indigenas.

Outros perigos corrêra o primo de Cecilia, como o de naufragar em torrentes de rios, encontrar-se com onças, e outros d'este genero.

O auditorio habitual de Tiburcio divertia-se muito com estas narrações, e elle por sua parte sabia referir os taes episodios dando-lhes as côres proprias de commover e interessar.

Tiburcio resolvêra ir morar com as duas parentas, e alli se installou immediatamente.

Todas as noites havia uma reunião de amigos para tomar chá, conversar e jogar.

Uma noite de chuva, em mez de Junho, debalde se esperarão os convivas. A chuva e o trio não consentirão que os respeitaveis anciãos deixassem os conchegos do iar, nem mesmo com a seducção das boas horas que se passava em casa de Cecilia.

Forão, pois, os tres parentes obrigados a se privarem n'aquella noite da companhia dos amigos.

Tomarão chá cedo e estavão fazendo horas á mesa até que viesse a hora habitual de se recolherem.

Travou-se a seguinte conversação:

— Ora, prima, disse Tiburcio, ainda não lhe contei os tormentos que sofri relativamente ao coração...

— Ah!

— É verdade. Lembrei-me muito de você.

— Deveras?

— É verdade. Não se lembra que eu mais de uma vez lhe confessei o amor que alimentava?

— Lembro-me, sim,

— Pois sahi da côrte com as mais dolorosas impressões. Via que ia para longe e perdia de vista a mulher que eu ainda nem conhecia de coração. Padei muito.

— Fallar n'isso agora não sei que me parece.

— Parece o que é, a verdade. Quiz matar-me...

— Que tolice!

— Foi o que eu pensei...

— Morria e eu ficava.

— Mas o que me agrada é ver que se eu não esqueci, tambem você não esqueceu.

— Não, de certo.

— Mas, de certo modo?

— Que modo?

— Gentes! disse a prima viuva. Vocês parecem namorados!

— Mas de que modo? como apaixonada?

— Sim.

— Que loucura!

— Pelo menos tenho uma prova.

— Vamos ver a prova, disse a viuva.

— A prova não está comigo.

— Está comigo? perguntou Cecilia.

— É verdade.

— Onde?

— Ahi, no dedo.

Cecilia olhou para o anel.

— No dedo! disse ella sem comprehender a que podia o primo alludir.

— Esse anel, disse o primo.

— Este anel? Que tem este anel?

— Ora, a final, disse a prima viuva, vamos saber o que significa este mysterioso anel.

Cecilia estava espantada sem comprehender.

Tiburcio continuou :

— Esse anel, sim. É meu. Ou por outrá, é seu hoje, mas foi meu, porque o encommendei.

— Mas explique-se.

— Nas vesperas de partir da côrte quiz deixar-lhe uma prova de que o meu amor era verdadeiro e seria eterno. Encommendei este anel, que o ourives promptificou com o maior cuidado e zelo. Tinha dous meios de dar-lh'o : ou introduzir-lh'o no dedo, francamente, com a declaração de que era uma lem-

brança minha que deixava, ou deposital-o no seu toucador para que, quando eu já estivesse fóra, aquella lembrança a sorprendesse.

— É romanesco, disse a viuva.

Cecilia nada disse. Tinha os olhos pregados em Tiburcio e procurava arrancar-lhe as palavras da boca.

Tiburcio proseguio :

— Preferi o segundo meio por me parecer, como diz a prima, romanesco. Mas, ao executal-o occorreu-me um terceiro meio. Era o de collocar o anel no seu dedo na hora em que dormisse, de modo que a surpresa fosse ainda maior.

— Ah! e...

Esta exclamação e esta conjuncção partirão da prima viuva. Cecilia tão absorta estava que nada podia dizer.

— Descansem, disse Tiburcio, eu fiz as cousas honestamente. Peitei a mucama para que alta noite, na occasião em que a prima dormisse depois da costumada leitura... Ah! você lia muito romance!

— Adiante!

— Para que alta noite se aproveitasse do somno em que você estivesse e lhe puzesse o anel. Assim foi. Vejo agora que conservou o anel. Mas, diga-me, a Theresa nunca lhe disse nada d'isto?

— Não, disse Cecilia distrahidamente.

— Pois foi assim. E se quer mais uma prova tire o anel... Nunca o tirou?

— Nunca.

— Pois tire o anel e veja se não estão gravadas pela parte interior as iniciaes do meu nome.

Cecilia hesitou entre a curiosidade de averiguar a asseveração de Tiburcio e um resto de crença que tinha nas palavras da visão.

— Tire o anel.

— Mas...

— Tire! Que receio é esse?

— Esperem, não tiro por uma razão. Eu não creio no que diz o primo Tiburcio.

— Porque?

— Não creio, mas creio em outra cousa.

— Essa agora!

— É verdade.

E Cecilia passou a referir aos dous parentes todas as circumstancias da visão, o dialogo que tivera com ella, a fé em que lhe ficarão as promessas do anjo das donzellas.

— Tal foi, acrescentou Cecilia, a razão por que me não casei. Tinha fé n'isto. Quanto a tirar o anel, disse-me a visão que nunca o fizesse.

Tiburecio deu uma gargalhada.

— Ora, prima, disse elle, pois você quer contestar uma verdade, com uma superstição. Ainda acredita em sonhos!

— Como, sonhos?

— É evidente. Isso da visão não passou de um sonho. Coincidio o sonho com o facto do anel. Mas você quando acordou no dia seguinte achou-se com um anel no dedo, não devia fazer outra coisa mais do que averiguar a razão do phenomeno, e não dar credito a uma cousa toda de imaginação.

Cecilia abanou a cabeça.

— Pois não creê? Tire o anel.

Cecilia hesitava. Mas Tiburecio usou da arma do ridiculo, no que foi acompanhado pela prima viuva, de modo que Cecilia, com alguma reluctancia, pallida e tremula, arrancou o anel do dedo.

O anel tinha na parte interna gravadas estas iniciaes : T. B.

MAX.

